

MEMÓRIA HISTÓRICA /
HISTORICAL MEMORY

O ESTUDANTE ZÉ PAULO NA VETUSTA CASA DE AFONSO PENA*

EL ESTUDIANTE ZÉ PAULO EN LA CASA VETUSTA DE AFONSO PENA

HERMES VILCHEZ GUERRERO **

Algumas semanas depois de aprovado no vestibular, estive, juntamente com um amigo, na casa de um colega também aprovado nos exames para ingresso na Faculdade de Direito da UFMG, cujo pai, renomado advogado, falava-nos sobre o Curso e sobre a Faculdade na qual iríamos estudar.¹ Havia na sala de seu escritório um quadro de formatura com o retrato dos formandos. Discorreu sobre alguns, todos, certamente, conhecidos no mundo jurídico, mas que, para nós, que nem podíamos ainda ostentar o título de calouros, não passavam de nomes desconhecidos. Recordo que apontou um e nos disse: “este foi o colega mais brilhante que tive em toda minha vida”. Fixei o olhar no rosto e, em especial, no nome: JOSÉ PAULO SEPÚLVEDA PERTENCE. Guardei o nome por ser diferente, não por achar que fosse me “reencontrar” com ele².

José Paulo Sepúlveda Pertence era mineiro. Como ele próprio disse em um depoimento à *Memória* do Tribunal de Justiça do Distrito Federal: “Bem, o

* Artigo originalmente publicado no livro De Zé Paulo a Pertence, a história do mineiro amante da democracia. Procuradoria-Geral de Justiça de Minas Gerais, BH: 2024.

** Diretor da Faculdade de Direito da UFMG, advogado criminalista.

1 Estava com Márcio Idalmo Santos Miranda na casa do nosso colega Achilles Mascarenhas Diniz, quando fomos gentilmente recebidos por seu pai, o advogado José Maurício de Alvarenga Diniz.

2 Tive oportunidade de reencontrá-lo em duas ocasiões muito especiais para mim, a primeira na Faculdade de Direito da UFMG, quando lá estive para encerrar um congresso do Ministério Público estadual e federal. Sua conferência de encerramento foi “O Ministério Público e a Criminalidade Econômica” (6.9.1985). Os debatedores foram o Procurador da República e Professor Juarez Tavares e o Procurador de Justiça e Professor da Faculdade Mineira de Direito, Joaquim Cabral Neto. Os organizadores solicitaram que o Centro Acadêmico Afonso Pena (CAAP) indicasse um aluno para também ser debatedor. Talvez porque eu fosse do CAAP, porque tivesse sido estagiário do Ministério Público ou, até mesmo, por falta de opções, eu fui o indicado. A juventude nos permite alguns atrevimentos.

Alguns anos depois, em 1997, ele esteve em Belo Horizonte para uma solenidade no Tribunal de Justiça de Minas. Lá se encontrou com o Professor Ariosvaldo de Campos Pires que por alguma razão, comentou com ele, que naquela manhã, um orientando seu havia defendido sua dissertação de Mestrado. Depois da solenidade no tribunal, o Ministro foi para um restaurante, por coincidência, o mesmo no qual estávamos comemorando meu título de Mestre. Pouco depois, foi até nossa mesa e, dirigindo-se ao Professor Ariosvaldo, disse-lhe “vim cumprimentar o novo mestre em Direito Penal, quem é?” Felizmente, eu estava com minha máquina fotográfica e registrei esse importante momento para mim. Além da fotografia, guardei a gentileza do gesto.

meu nascimento, sem querer humilhar ninguém, foi em Sabará (Minas Gerais), em 1937”³. Quando ele tinha por volta de onze anos, seus pais foram morar na capital mineira. Estudou o ginásio e o clássico no tradicional Colégio Estadual (1949-1955), onde desempenhou grande atividade político-estudantil e onde conheceu aquele que foi seu melhor amigo por toda a vida: Modesto Justino de Oliveira Júnior. Ambos integraram grêmios estudantis e se tornaram grandes lideranças estudantis, ocupando cargos de direção na União dos Estudantes do Ensino Médio.

Havia, na cidade, excelentes colégios dos quais provinham muitos jovens para estudar na Faculdade de Direito, dois deles eram o Marconi e o Estadual. Os líderes do Marconi eram Segismundo Gontijo e Obregon Gonçalves e, no Estadual, Modesto Justino e José Paulo. Havia até uma competição desportiva chamada MAR-ESTA que reunia alunos dessas duas instituições de ensino. Esses quatro moços, entre outros, iriam se reencontrar na Faculdade de Direito da UFMG (atual UFMG).

No Curso de Direito, continuariam organizando competições esportivas e político-estudantis: Obregon foi presidente da Associação Atlética Acadêmica (AAA) e tesoureiro do Centro Acadêmico Afonso Pena (CAAP); Segismundo presidiu o CAAP; Modesto e Zé Paulo - como era chamado por todos e assim me referirei a ele neste texto - exerceram significativa liderança política não apenas no CAAP, mas também na União Estadual dos Estudantes (UEE) e na União Nacional dos Estudantes (UNE), da qual Zé Paulo foi vice-presidente.

A opção de Zé Paulo pelo Curso de Direito foi natural. Era o Curso que mais se adequava a seu temperamento e aos seus ideais juvenis. Além disso, seu único irmão, Pedro, formara-se em 1956, no ano em que Zé Paulo foi aprovado nos exigentes exames vestibulares. Portanto, tiveram na Faculdade pouco contato, mas fraternal convivência ao longo da vida.

Num tempo em que não havia muitas opções acadêmicas, o Curso de Direito era o destino natural daqueles que não tinham vocações definidas, de muitos servidores públicos, civis e militares, com mais de trinta, quarenta, cinquenta, e até mais idade, que precisavam do diploma para conseguir uma promoção. Muitos deles já eram casados e com filhos.

Porém, também havia o grupo dos “meninos”, como eram chamados aqueles ainda adolescentes, recém saídos do ensino médio, cheios de energia e com vontade de mudar o mundo. Esses moços, nascidos às vésperas do início da Segunda Grande Guerra e que viveram suas infâncias durante esse conflito,

3 Novamente, o “reencontro”, graças ao convite do Procurador Geral de Justiça do Estado de Minas Gerais Jarbas Soares Júnior, para escrever sobre ele. Programa história oral. Ministro José Paulo Sepúlveda Pertence. Núcleo de Apoio à Preservação da Memória Institucional. Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios. Brasília, 2009, p. 3.

viram seus pais acompanhar pela rádio os acontecimentos e receberam muita influência desse conflito armado.

Apesar das diferenças de idade, de interesses profissionais e, até mesmo, de orientação política, não houve obstáculo para uma convivência harmônica e saudável entre todos.

Ser aprovado no vestibular não era tarefa fácil. Não somente por haver grande concorrência, mas porque os examinadores eram muito exigentes. As provas para ingresso eram escritas e orais “aferindo nosso conhecimento (ou ignorância) das línguas de Cícero, Camões e, opcionalmente, de Voltaire ou Shakespeare”.⁴

Conseguir fazer a matrícula era quase tão difícil quanto ser aprovado nos exames vestibulares. Sobre essa etapa recorda Raul Moraes da França:

“não sei como é hoje, mas no nosso tempo o primeiro obstáculo para o ingresso na Faculdade de Direito da UFMG era passar pelo crivo da aprovação da vasta documentação a ser apresentada.

O candidato se apresentava à Secretaria com um pacotão contendo documentos, certidões, atestados, etc. etc., examinados com lupa pelo zeloso funcionário, que vitorioso pontificava:

-Há uma divergência no prenome de sua bisavó, porque no batistério o nome está escrito com “Y” e na certidão de óbito o “Y” original foi substituído por “I”!

Não adiantava alegar reformas ortográficas estabelecidas por lei, o documento precisava ser devidamente adequado às regras da Secretaria.”⁵

Como ainda ocorre hoje, muitos alunos eram provenientes da capital do Estado e, como recorda Marlene Maria Mendes Pessoa, outros tantos “jovens vindos de toda parte chegaram à Faculdade de Direito. Afluíram de todos os cantões das Minas Gerais e ainda de outros Estados brasileiros. Eram jovens, quase todos, mas propiciada a enturmação, nivelaram-se na jovialidade”.⁶

O quadro de funcionários da Casa era reduzido. O Secretário era o dr. Tancredo Martins Júnior, na parte administrativa havia duas mulheres, Dona Idalescia Brant e Neide Lucília Gouveia Mendonça, além de Samuel Caetano, bedel e anjo da guarda da Vetusta. Havia dois outros servidores que cuidavam de tudo, o “Diniz” e o “Capitão Galdino” que não era militar, mas que recebeu essa “patente” dos alunos. Eram eles que cuidavam do bom funcionamento de nossa Faculdade.

4 Raul Moraes da França, *Faculdade de Direito*, in *Geração 60*, Belo Horizonte: Del Rey, 2010, p. 155.

5 Faculdade de Direito, in *Geração 60*, cit. p. 155.

6 Pedacos de um tempo, in *Geração 60*, p. 119.

Eles começaram o Curso quando JK também começava seu governo na Presidência da República e Bias Fortes no Palácio da Liberdade. A vida na Faculdade era uma festa, sempre foi. Em cada época há uma, cada qual com um ritmo musical, com uma melodia sentimental, mas sempre com muito afeto, esperança, coragem e entusiasmo. Sobre essa fase, recorda Raul Moraes da França:

“Depois de passar pela angústia até ver seu nome inscrito na lista de aprovados do Vestibular, começavam as aulas e sentíamos-nos inseridos na elite das elites, tal o prestígio que gozava a Faculdade.

O renome se devia, em grande parte, ao corpo docente constituído de professores que, como membros representativos da sociedade, eram alegres ou tristes, metódicos ou dispersivos, divertidos ou casmurros, ponderados ou excêntricos, mas, inegavelmente, os mais competentes em suas respectivas áreas.”⁷

Ainda sobre as lições recebidas na Faculdade, rememora Marlene Maria Mendes Pessoa:

“Na segunda-feira, outra semana despontada, aulas eram seriamente encaradas. A frequência demonstrava, a um tempo, a qualidade das aulas e a responsabilidade, valor inerente àquela turma. O que furtava de prováveis gazeteiros a intenção de ausência, numa deambulação prazerosa, e os mantinha ali, atentos à preleção de professores. Transcendente à idiossincrasia e à própria didática. Trazidas por ótica diferenciada vêm a reboque lembranças restadas reveladoras de características pessoais de mestres: Pedro Aleixo, Caio Mário, José Olympio, Lydio Machado Bandeira de Melo, Washington Albino e mais e mais outros. Um corpo docente que, por duto e carismático, tornou-se insuflador da responsabilidade profissional e da ética a ser adotada em anos posteriores, quando então nos tornamos timoneiros conscientes das responsabilidades e capazes de dar rumo à embarcação – configuração de nossas vidas.”⁸

Ao longo dos cinco anos do curso, a turma teve excepcionais professores, foram eles: Afonso Teixeira Lages, Edgard de Godoi da Mata Machado, Orlando Magalhães Carvalho, Washington Peluso Albino de Souza, Alberto Deodato Maia Barreto, Raul Machado Horta, Lydio Machado Bandeira de Melo, Eurico Trindade, Caio Mario da Silva Pereira, Pedro Aleixo, Gerson de Brito Melo Boson, João Eunápio Borges, José Olympio de Castro Filho, Darcy Bessone de Oliveira Andrade, Washington Ferreira Pires, Amílcar Augusto de Castro, Onofre Mendes Júnior, José Geirnaert do Vale Ferreira e Pedro Aleixo, aos quais manifestaram sua profunda gratidão no quadro de formatura. As aulas começavam às 9h e terminavam às 12h, depois alguns alunos iam para o restaurante Elite, na Rua da Bahia, ao lado da Livraria Itatiaia para tomar “um chope”.

Os alunos eram chamados a entrar nas aulas e eram comunicados do término pelo tilintar do sino do Samuel, que ainda hoje se encontra na parede

7 Faculdade de Direito in *Geração 60*, cit. p. 155.

8 Pedacos de um tempo, in *Geração 60*, p. 119.

na entrada do prédio da Faculdade como homenagem e recordação. O bedel Samuel era o responsável por sua execução. Também cabia a ele fazer as chamadas de presença para os professores. Num tempo em que não havia mais do que cinco turmas em todo o prédio, todas no mesmo andar, isso não levava muito tempo. Sobre o sino e o que ele significou, escreveu Maria Helena Corrêa, deixando aflorar a saudade:

“Você se lembra do toque do Sino do Samuel: tenho ganas de me apossar dessa melodia; só para mim. Mas como fazê-lo sem interromper a cantata solene que entoamos em cor de vozes afinadas?”⁹

A respeito dos trajés que os estudantes usavam, Obregon Gonçalves recorda:

“... lembro novamente que não se entrava na faculdade sem paletó e gravata. Mas vale recordar o Samuel, um homem de quase 1,90m, um negro muito forte e que era o bedel. Ficava na porta da faculdade e, quando se chegava sem paletó e gravata, dizia:

- Olha, doutor – ele chamava todo mundo de doutor-, o senhor não pode entrar, não. Sem paletó, doutor, não pode.

- Ô, Samuca, por favor, a gente tem prova hoje.

- Doutor, eu vou lhe emprestar um paletó e uma gravata. E você me devolve depois da aula.

A gente ria e resolvia a situação com os empréstimos: ele tinha um estoque de paletós para emprestar aos alunos. A coisa era séria: você tinha o respeito na sala de aula. Não havia molecagem.”¹⁰

Formaram-se na turma de *Geração 60*, 151 bacharelandos. Desse total, 19 eram moças. Assim como acontecia com os rapazes, algumas eram do interior, vinham morar na cidade grande em pensões - havia muitas em Belo Horizonte para receber os jovens que aportavam para estudar-, outras, a maioria, morava em casa de parentes. As fotografias da turma mostram que elas sempre estavam de vestido ou saia e blusa, todas muito elegantes e levemente maquiadas. Ainda não era comum as mulheres usarem calças compridas. Também por isso, tinham que ouvir do Professor Lydio que “Direito Penal é p’rá quem usa calça!”

A Faculdade era um centro jurídico-cultural. A esse respeito, merece transcrição a observação de Emílio Gallo: “A nossa Faculdade nunca se restringiu ao aprendizado do Direito. Lá nós aprendíamos política e praticávamos a cidadania em toda a sua extensão”.

9 Em Gaia do Almécega aos 15 de abril do ano de 2010 in *Geração 60*, cit. p. 107.

10 O *magistrado*, Belo Horizonte: Armazém de Ideias, 2009, p. 82-83.

Localizada na Praça Afonso Arinos, era o centro político de todos os debates e encontros civis da capital mineira e propiciava a discussão dos temas em voga à época: viagem espacial, criação de Brasília, discussões político-partidárias, especialmente a respeito do governo estadual e federal. Talvez por Belo Horizonte ainda ser uma cidade provinciana, os acadêmicos não se interessavam muito por assuntos internacionais, um dos poucos era o da invasão do Canal de Suez. Essas discussões se travavam na própria praça, em mesas de bar, em assembleias estudantis e em festas. Sobre as festas, recorda Marlene Maria Mendes Pessoa, uma das moças da turma:

“nos intervalos das aulas, riso solto e fácil acompanhava a turma. Os estudos levados a sério não dificultavam os namoricos, as paqueras, os acertos e desacertos nos encontros e desencontros. Eram as pinceladas de cores na rotina do dia-a-dia. Alegria continuada nos finais de semana quando, então livres dos estudos, horas dançantes, fazendo parte da cultura local, eram organizadas preferencialmente, em casa de um colega casado e amante de festas. Aos goles de “Cuba Libre”, então a imprescindível e, ao som de boleros, brindava-se o “dois pra lá e dois pra cá.”¹¹

Os rapazes frequentavam as horas-dançantes no Diretório Central dos Estudantes (DCE), o *Montanhês* e, vez ou outra, as *casas de tolerância* da cidade. Nas horas-dançantes do DCE, tocava a orquestra do Maestro Delê, que também tocava no *Montanhês*. A trilha sonora tinha muitos boleros, tangos, sambas-canção, quase sempre *cheeck to cheeck*. Muitos namoros começaram aí, depois se transformaram em noivados e casamentos.

Depois das horas dançantes no DCE, os estudantes, Zé Paulo inclusive, dirigiam-se ao *Bar do Beirão*. Chegavam por volta das 23h. Não era raro o proprietário, terminado o movimento da noite, fechar o estabelecimento e mandar todos para suas casas. Eles não o obedeciam, até porque os bondes paravam de circular à meia-noite e muitos moravam longe. Só lhes restava aguardar até as 5h, quando os bondes voltavam a funcionar. O melhor lugar para esperar era o *Montanhês*. O consagrado advogado criminalista Obregon Gonçalves rememora as idas a essa casa de diversões:

“Naquela época, você entrava no Montanhês, pegava o papelzinho e, para dançar, para cada X minutos de dança, tinha que picotar um cartão, pago à saída. Por isso muita gente ia lá só para assistir os shows. No DCE, tomávamos o samba de Berlim, que muita gente hoje não deve saber o que é (uma mistura de cachaça com Coca Cola e limão), mas no Montanhês não se servia essa bebida. Lá a gente tomava um Cuba Libre, que era quase a mesma coisa, só que com rum. Tomando-se um, poderia assistir os shows.”¹²

As drogas ilícitas não eram conhecidas e muito menos populares. Por outro lado, quase todos fumavam e bebiam muito. Era tempo de *Cuba libre* e

11 Pedacos de um tempo, in *Geração 60*, p. 119.

12 *O magistrado*, cit. p. 71.

Samba em Berlim, carro chefe no *Bar do Beirão*. Aliás, *Cuba Libre* também era a bebida preferida do jovem estudante Zé Paulo.

No dia 11 de agosto, para manter a “tradição”, um reduzido grupo de estudantes dava o *pendura*. Era sempre no mesmo lugar: o *Bar do Beirão* do comerciante português Luís Beirão, velho conhecido dos acadêmicos da Faculdade. Esse estabelecimento sempre era o escolhido porque ele não brigava e aceitava com alguma simpatia essa travessura estudantil. Nas palavras de Obregon Gonçalves: “era o único cidadão que aceitava o *pendura*”.¹³

Zé Paulo frequentava, como seus colegas, as poucas bibliotecas e livrarias então existentes na cidade. As preferidas eram a Itatiaia e a Livraria Francesa, localizada na loja térrea do Edifício Sul América e Sulacap, na Av. Afonso Pena, da qual se avistava a avenida Tocantins, atual Av. Assis Chateaubriand. Essa vista já não há mais.

O jornal do CAAP era o *Voz Acadêmica*, ainda existente. A turma de Zé Paulo decidiu criar uma revista de nome *Presença*. Nesse periódico, os estudantes escreviam sobre assuntos jurídicos, mas também abordavam temas políticos, literários e poesias.

Obregon recorda que foi nessa revista que Zé Paulo despertou a atenção de seus colegas e professores pela profundidade de seus textos, pela correção na escrita e pelo senso crítico dos temas abordados.

Para poder editar a referida revista, os alunos da *Geração 60*, como ficou conhecida essa turma (1956-1960), ganharam da Coca-Cola “um freezer para vender refrigerantes e, com a autorização do Diretor da Faculdade, o colocamos no corredor da velha *Casa de Afonso Pena*.”¹⁴

Sobre isso, registra Josias Alves: “Inspirados no exemplo de países europeus, onde é comum se expor os produtos e os próprios clientes se servem, pagam e pegam o troco (exemplo jornais e revistas), confiamos na honestidade dos alunos, seguimos o exemplo e deu certo.”¹⁵

Chama a atenção que mesmo com atividades políticas intensas, não apenas na Faculdade, mas também na UEE e na UNE, Zé Paulo era, nas palavras de seu colega de turma Carlos Eloy de Carvalho Guimarães, “um excepcional aluno”¹⁶. Ao se recordar dele, afirma que Zé Paulo era “leal, sincero, solidário e brilhante”. Aliás, essa é a opinião de todos seus colegas.

Na turma, também havia excelentes alunos, muitos dos quais não se interessavam por questões políticas ou sociais. A respeito desses alunos, Obregon Gonçalves rememora:

13 Depoimento pessoal ao autor.

14 Depoimento pessoal ao autor.

15 *Geração 60* e “*Presença*” – Reminiscências in *Geração 60*, cit., p. 93.

16 Depoimento pessoal ao autor.

“E a gente ficava na nossa: tirava um sete ou oito na prova, para passar: Não tirava um 10, não precisava. E todos estes que eram os *elinks* da vida eram muito gozados pelo resto da turma. Eles não participavam de nossos grupos. Não iam ao restaurante para comer o bandeirão, não iam para a rua protestar. Mesmo que fosse por nada. Eram uns rapazinhos bonitos, arrumadinhos, com as gravatas da moda.”¹⁷

Zé Paulo não era desportista, não era bom de bola, não jogava vôlei nem basquete. Não era exatamente um *pé-de-valsa*. Era calado, reflexivo, ouvia muito, quase sempre com as mãos nos bolsos, observando tudo, olhando em volta e ao longe... pensando.... planejando... articulando. Se não estava com as mãos no bolso era porque estava fumando. Era um aluno excepcional, especialmente em Filosofia, Processo, Direito Penal e Direito Constitucional. Nunca faltava às aulas, mesmo tendo uma intensa atividade política.

Como já foi dito, seu melhor amigo foi Modesto Justino de Oliveira Júnior, que também teve intensa atuação em organizações estudantis. Era muito raro ver Zé Paulo e não ver seu fraterno amigo. Aliás, o comum era ver antes o Modesto, que sempre vinha à frente, articulando, falando alto, conversando com todos, chamando para algum evento... Zé Paulo vinha logo em seguida, mãos para trás.

Zé Paulo era muito estimado por suas colegas. Era educado, gentil, sempre reservava tempo para ouvi-las e conversar com elas. Nas palavras de Obregon Gonçalves: “as meninas gostavam de conversar com ele”¹⁸. Zé Paulo, como todos os rapazes da turma, tinha por elas especial afeição e as tratava como irmãs, protegendo-as.

Numa publicação em homenagem ao Ministro Adhermar Ferreira Maciel, seu colega de turma, ele escreveu um ensaio intitulado: “A atualidade do pensamento de Kelsen” e, sobre o convite para tratar do tema, declarou:

“Ela há de ter sido devida a alguma confissão indiscreta de meu fascínio pelo pensamento de Kelsen na mocidade, que já vai longe, desde a leitura, por conta e risco próprio, do estudante em Belo Horizonte, quando integrante da “Geração 60” da Casa de Afonso Pena, até o aprofundamento na leitura de Hans Kelsen na pós-graduação...”¹⁹

O velho prédio da Faculdade foi inaugurado em 1898 e resistiu até o final dos anos 50. A turma *Geração 60* fez quase todo o curso ali, só no último ano foram para o quarto andar do prédio novo, o último concluído até então. Sobre essa etapa do Curso, recordou o orador da turma na solenidade de Colação de Grau, Raul Moraes da França:

17 Assim eram chamados em “homenagem” a Jellinek, jurista germânico que “sabia tudo”, *O magistrado*, cit. p. 82.

18 Depoimento pessoal ao autor.

19 Atualidade do pensamento de Kelsen in *Geração 60*, cit. p. 79.

“Há cinco anos, entrávamos para a Faculdade. No prédio antigo, de paredes róseas, andamos nossos passos de calouros. Pela dupla escadaria que levava ao salão nobre, subiram nossos entusiasmos quando íamos aos primeiros enteveros com Del-Vecchio e Gropalli, com Justiniano e Leon Walras.

Na voz rouca de um sino de bordas partidas, que Samuel tangia, havia a musicalidade da esperança.

Depois ergueram nova casa, posta abaixo a antiga. O prédio de Afonso Pena dava lugar ao de Villas Boas. A pintura rósea, em tom antigo, cedia ao revestimento de pastilhas e as escadarias gêmeas se transmutavam em árvores de cimento.”²⁰

A turma de Zé Paulo, assim como as outras, protestou contra a construção do novo prédio, não suficientemente para impedir sua edificação. O velho casarão aos poucos foi sendo desocupado, cercado de tapumes e só depois demolido, quando a turma já não estava mais na Faculdade.

O prédio da Faculdade, frequentado por 90% de homens e com um só banheiro, forçava que se formassem, na hora do intervalo, longas filas para sua utilização, o que ocupava quase todo o pátio interno do prédio. Vez ou outra, algum estudante recebia a solidariedade dos colegas e lhe era permitido furar a fila diante da necessidade premente de seu uso. Essas demoradas filas permitiram que muitas amizades se solidificassem, que fossem realizadas muitas articulações políticas e que se travassem muitas discussões a respeito das aulas e de questões sociais. Para as moças, foi construído um “cubículo” para ser usado como banheiro feminino.

Como dito, muitos dos estudantes da Faculdade vieram para a capital mineira para estudar. Mesmo entre os que aqui residiam com suas famílias, alguns já trabalhavam ou faziam estágios profissionais. Por isso, era comum ‘tomarem as refeições’, como se dizia, em pensões, restaurantes baratos e na própria Faculdade, onde havia um restaurante feito especialmente para atender os alunos. O menu consistia sempre numa porção de arroz, feijão, um pedaço de carne, alguma verdura e um suco, que já naquela época era de indecifrável sabor. Mas, também havia estudantes originários de famílias abastadas que moravam em hotéis caros, especialmente no Grande Hotel.

No meio estudantil, três “partidos políticos” disputavam a preferência dos alunos: a União Democrática Universitária (UDU), que era de esquerda; a Frente Acadêmica Renovadora (FAR), de direita, e havia o partido que não tinha nenhuma filosofia ou ideologia, que era o Movimento Renovador (MR), sem nenhuma expressão política na Faculdade. Somente a UDU e a FAR tinham importância política e representatividade.

20 A palavra do bacharelado in *Geração 60*, cit. p. 65.

Havia na Faculdade o Centro Acadêmico Afonso Pena (CAAP), representação acadêmica e política dos alunos e controlada, por muitos anos, pela UDU.²¹ Também existia o Centro Acadêmico Pedro Lessa (CAPL), muito mais voltado para eventos literários, artísticos e culturais. Entre os universitários, havia o Diretório Central dos Estudantes (DCE), que tinha atividades sociais, como as frequentadíssimas horas-danças, e o Diretório Estadual dos Estudantes (DEE), de cunho iminentemente político e que despertava a disputa dos mais politizados, como era o caso de Zé Paulo e Modesto, que nele ocuparam destacados postos de liderança.

As eleições para o Centro Acadêmico Afonso Pena, sempre provocaram grandes disputas eleitorais, e não foi diferente no período em que ele frequentou a Faculdade. Nesse tempo, houve especialmente uma acirrada campanha entre os representantes da UDU e da FAR. O representante da esquerda era Segismundo Gontijo e o da direita era Tainá Tupinambá. O grupo de Zé Paulo apoiou a UDU, cujo lema era “Tatu tá na luta”.

A eleição foi vencida por Segismundo que comprara, no mercado, um tatu, símbolo da UDU e que fora levado para a comemoração na *Camponesa*. Aquela estranha cena foi vista por um casal de turistas americanos: um grupo de estudantes com um exótico e simpático animal de estimação. Os americanos se ofereceram para comprar a mascote, que foi vendido pelos estudantes, que usaram o dinheiro da venda para aumentar o número de cervejas.

Aqueles moços adoravam a sala de aula, mas também gostavam muito das ruas. Tudo era motivo para realizar um protesto, uma passeata. Algumas dessas manifestações eram contra a invasão do Canal de Suez, contra o mau atendimento dos bondes e para defender a efetiva criação da Petrobras. Sobre esta última, Obregon Gonçalves recorda:

“uma vez aconteceu um fato mais sério, mais grave. Nós estávamos na campanha pela Petrobras. Naquela época, era uma luta muito difícil, havia uma resistência muito grande: não existia a Petrobras. E nós lutávamos para que ela fosse consumada: já era uma lei e a nossa luta era para que ela fosse institucionalizada. Resolvemos erigir, na Praça Afonso Arinos, uma torre de petróleo. Está lá até hoje, não sei se vocês já viram. O diretório da faculdade fez uma festa muito grande para a sua inauguração: muitos fogos, muito discurso e a polícia não nos incomodou, porque eles sabiam que estava restrito àquela área.”²²

Outro alvo das frequentes manifestações dos acadêmicos era a interrupção da energia elétrica. As luzes da cidade eram desligadas às 18h e voltavam às 20h. Em protesto contra a Companhia de Força e Luz, os estudantes de Direito, por volta das 17:30h, juntamente com os da Escola de Engenharia e Medicina,

21 Depoimento pessoal ao autor.

22 O magistrado, cit. p. 75.

com frequência se reuniam na *esquina da sinuca* (Rua Tupinambás com Av. Amazonas) e acendiam velas. Ao grupo de jovens estudantes, juntavam-se muitos trabalhadores, que, naquele horário, deixavam o trabalho, e muitos outros populares. A “procissão das velas”, como ficou conhecida, saía pela rua gritando palavras de ordem até chegar às escadarias da Igreja São José, onde ficava concentrada. Nessas procissões, pelo menos nessas, sempre estavam Modesto e Zé Paulo. Como a maioria dos jovens de todas as épocas, eram contrários aos governos, estadual (Bias Fortes) e federal (governo JK).

Os bondes também não escapavam da fúria dos estudantes, os quais prestavam um serviço muito insatisfatório, pela má qualidade dos veículos e não funcionamento depois das 23h. Isso obrigava a muitos estudantes a passarem as noites em casas noturnas esperando o amanhecer para poderem ir para casa. Zé Paulo não tinha esse problema porque morava com seus pais na Rua Sergipe, próximo à Rua Guajajaras, a pouco mais de um quarteirão da Faculdade. Em protesto, não era raro danificarem esses bondes. Também não era incomum atacarem as fachadas dos cinemas, especialmente a do Cine MetrÓpole, nas vizinhanças da Faculdade. De todos esses protestos e manifestações, Zé Paulo sempre participava, principalmente na articulação, planejamento e organização. Por sua vez, Modesto estava sempre à frente da execução desses eventos.

Certamente uma das campanhas que mais agitou e mobilizou os acadêmicos de toda a Universidade foram os protestos contra a USAID, agência norte-americana que pretendia modificar e influenciar o ensino médio em toda a América Latina, inclusive no Brasil. Para os estudantes politizados, não passava de tentativa de “lavagem cerebral”, o que evidentemente não era aceito por eles.

Zé Paulo viveu intensamente a vida acadêmica, participou ativamente dos debates que se travavam na Faculdade, participou do Centro Acadêmico Afonso Pena (CAAP), do qual foi vice-presidente, das visitas às penitenciárias, das disputas políticas e foi vice-presidente da União Nacional de Estudantes (UNE) e ocupou sua presidência a maior parte do mandato (1959-1960), razão pela qual a UNE o homenageou.

Ao examinar sua ficha elaborada pelo sistema de informações do governo militar constata-se que ele era classificado como “conhecido elemento de extrema esquerda”. Aqui, vou me limitar às referências existentes ao estudante de Direito:

“PRONTUÁRIO DE JOSÉ PAULO SEPÚLVEDA PERTENCE, existente na 2ª Seção desta Região Militar:

- Teve atividades estudantis no ciclo universitário de Belo Horizonte, onde teve a condição de líder que o levou a exercer cargos eletivos nas diversas entidades dos estudantes mineiros.

- Fez a defesa de Fidel Castro em um JURÍ SIMULADO, junto à opinião pública pro-receptividade da revolução Cubana.

- Compareceu como representante da UNE em Congressos internacionais de estudantes na Cortina de Ferro.”

Sendo um líder estudantil e com enorme preocupação política, empenhou-se nas candidaturas do General Lott para presidente da República e de Tancredo Neves para o governo mineiro em 1960.

Quando estudante, um dos livros que mais o marcou foi o do jurista Victor Nunes Leal, que conheceu pessoalmente em Brasília e do qual foi assessor no STF. Mas, como ele mesmo conta: “Eu o conhecia muito de citações na Universidade, particularmente do professor Orlando de Carvalho, nosso professor de Teoria Geral do Estado, pela sua obra clássica de Ciência Política, Coronelismo, Enxada e Voto”²³.

Aproximando-se o final do Curso, os formandos tiveram a ideia de mandar fazer um quadro de formatura com a fotografia de cada um. Só faltava uma coisa: dinheiro. Esse problema, imaginaram, seria superado com a venda do *freezer*. Segundo Josias Alves²⁴, o dinheiro não dava para pagar nem a metade do quadro. Como costuma ocorrer, os alunos procuraram o então diretor, Professor Alberto Deodato, ao qual solicitaram ajuda financeira para complementar o pagamento.

Não era raro, naquela época, que, ao final do Curso, os alunos fizessem uma viagem à Europa. Não foi diferente com a turma *Geração 60*. A essa comissão deram o nome de CODEX (Comissão de Excursão). Um grupo de 21 estudantes embarcou no transatlântico *Giullio Cesare*, visitou dez países em três meses de viagem e foi acompanhado pelo querido Professor Washington Albino. Entre eles, não estava Zé Paulo, que já havia viajado à Europa, mas para países de orientação socialista, em congressos estudantis, representando a UNE.

Para juntar dinheiro, os integrantes faziam contribuições mensais e vendiam rifas. Para tanto, foi feita uma de um aparelho de televisão, que começava a dar seus primeiros sinais na cidade com a TV Itacolomi (Canal 4), e uma de um belo automóvel Plymouth 1958, cujo bilhete premiado ficou encalhado e, assim, ficou para a própria comissão, o que possibilitou que a viagem fosse realizada²⁵.

23 *Programa história oral*, cit. p. 16. Sobre o Professor Orlando, recorda seu colega de turma José Octávio Capanema: “Lembro-me, saudoso, que a primeira aula, de nosso primeiro dia, foi com o professor Orlando de Carvalho, um mestre brilhantíssimo, respeitabilíssimo, impecavelmente trajado e de voz compassada e grave, o qual, iniciando a aula, sério e compenetrado, desde logo tirava de seu bolso um relógio de algiebeira, que punha sobre a mesa. A aula começava, o Professor dissertava, e ninguém tinha coragem de perguntar alguma coisa, tal o garbo londrino do docente, que a encerrava, pontualmente quando chegava a hora.” (*Geração 60*, cit., p. 77)

24 *Geração 60 e Presença – reminiscências*, in *Geração 60*, cit. p. 93.

25 *Geração 60 e Presença – reminiscências* in *Geração 60*, cit. p. 93.

Uma das visitas mais importantes para os estudantes nessa viagem foi no Cemitério Militar Brasileiro de Pistoia, na Itália. Sobre esse acontecimento, o bacharelado Alan Viggiano enviou uma correspondência, datada de 16 de fevereiro de 1960, à Revista *Presença*, na qual narra:

“O Professor Washington Albino disse ligeiras palavras, procurando não prolongar muito a solenidade, para evitar que a emoção causada em nós, por vermos aquelas fileiras de cruzeiras brancas, como soldados camuflados na neve, em uma última formação, retaguardando o pavilhão da Pátria, no panorama cinzento da Itália, nos levasse às lágrimas.”²⁶

Como sói acontecer em todas as turmas que se formam em Direito, nem todos seguiram as convencionais carreiras jurídicas. Nas palavras de Aulus Saffar: “É, eu e outros colegas, descarrilamos, por opção ou pelos encontrões da vida, sempre tendo o caminho aberto pela cultura, a estrutura e o ferramental que nos foram oferecidos pela Faculdade.”²⁷

Também sobre o percurso que cada um seguiria, o orador da turma, Rubens dos Santos, na Colação de grau, observou: “nossos caminhos se dividirão. Uns advogaremos no foro. Outros nos encaminharemos para o magistério ou a magistratura. Outros, para o Ministério Público; outros ainda, administraremos empresas ou seremos parlamentares.”²⁸ Foi exatamente isso que ocorreu. A turma *Geração 60* viu surgir advogados, escritores, poetas, artistas plásticos, magistrados, ministros do STF e do STJ, professores, empresários, servidores públicos civis e militares.

O paraninfo de sua turma foi um estimado docente, responsável pela criação do Departamento de Assistência Judiciária (DAJ), pelo qual muitas gerações aprenderam a dar os primeiros passos na arte de advogar. Sobre o paraninfo, no discurso de formatura, declarou o orador Rubens dos Santos²⁹:

“O Prof. José Olympio de Castro Filho é um atormentado de febre de ensinar. Jamais se limitou ao cumprimento do dever.

Suas preleções, pelo número e pela qualidade, foram muito além do que lhe impunham os regulamentos.”

Os professores homenageados foram: José Olympio de Castro Filho (paraninfo), Amílcar de Castro (homenagem especial) Washington Albino, Lydio Bandeira de Mello, Caio Mário, Darcy Bessone, Onofre Mendes Júnior. A servidora Neide Lucília Gouveia Mendonça foi escolhida para receber a homenagem administrativa.

26 Geração 60 e Presença – Reminiscências, in *Geração 60*, cit. p. 93-94.

27 Lucros e perdas, in *Geração 60*, cit., p. 37.

28 A palavra do bacharelado, in *Geração 60*, cit. p. 166.

29 A palavra do bacharelado in *Geração 60*, cit. p. 166.

Zé Paulo não foi somente um excelente estudante durante todo o curso. Foi o melhor de sua turma, o que deve ser mais destacado ainda quando se sabe que teve uma intensa vida político-estudantil. Estudava muito, lia até de madrugada, sempre com um cigarro na mão. Ninguém se surpreendeu, portanto, que no dia 10 de dezembro de 1960, no auditório da Secretaria Estadual de Saúde, fosse ele a receber a *Medalha Rio Branco*, destinada ao aluno que obtivera as melhores notas e que mais se destacara ao longo do bacharelado. Na mesma solenidade recebeu também o *Prêmio Francisco Brant* destinado ao acadêmico que obtivera melhores notas em Direito Judiciário Penal.

José Paulo Sepúlveda Pertence foi um excepcional estudante, um colega leal e um exímio articulador político. Coube-me a feliz tarefa de escrever sobre seu período de estudante. Outros escreverão, neste livro, sobre outras facetas de sua rica vida. Sobre sua profícua existência, destacaria que ele foi democrata, otimista e coerente.

Sempre foi fervoroso defensor da democracia e deu inúmeras demonstrações disso ao longo de sua vida. Ele sabia que a frase dita por seu colega e orador de turma na solenidade de Colação de Grau era verdadeira: “Porque um bacharel da Casa de Afonso Pena só vive e cresce na plena atmosfera de democracia.”³⁰

Sempre manteve seu espírito estudantil que se manifesta quando, ao final de seu depoimento à *Memória*, afirmou: “Sou otimista inveterado e, por isso, já não tendo muito a dar depois de uma vida sempre disposta à luta, resta confiar nas novas gerações.”³¹

A Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais se orgulha de haver tido entre seus alunos o jovem estudante Zé Paulo que caminharia, a passos largos, para se tornar o notável Ministro Sepúlveda Pertence. Por essa razão, concedeu a ele a *Medalha Afonso Pena* no ano de 2022, destinada a ex-alunos que se destacaram “nas letras jurídicas, ou em atividades culturais no campo do Direito, ou em outras atividades na defesa da pessoa humana.”³²

Por toda sua vida, entre os muitos títulos, medalhas, diplomas e tantas outras condecorações que recebeu, guardou um pequeno documento datado de 16 de março de 1956, portanto, quando iniciava o Curso: sua carteira do CAAP, que ainda é guardado por seus filhos. Arriscaria a dizer que há na conservação

30 A palavra do bacharelado, in *Geração 60*, p. 168.

31 *Programa história oral*, cit. p. 21.

32 Todas as citações foram retiradas de depoimentos escritos e publicados por bacharelados da Turma *Geração 60*, na qual José Paulo Sepúlveda Pertence se formou. Agradeço especialmente a seus colegas Obregon Gonçalves e Carlos Eloy Carvalho Guimarães que gentilmente me receberam em suas casas para recordar suas mocidades na Faculdade. Também agradeço à magistrada Moema Carvalho Balbino que doou para a Faculdade de Direito o quadro de formatura da turma *Geração 60* na qual se formou seu pai Nicolau Balbino Filho. Esse quadro já está devidamente colocado na parede.

desse pequeno grande documento um significado e uma mensagem, como a nos dizer que ele não mudou: que, por toda a vida, sempre foi isso, o estudante Zé Paulo, com seus sonhos, angustias, inconformismo com as injustiças e se esforçando para “mudar os tempos”.

~~~~~//~~~~~

